

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Sarney candidato

• José Ribamar Sarney Costa, senador pelo Amapá, ex-presidente da República que do antigo cargo usufruiu o respeito e as mordomias, atualmente de malas prontas para o Canadá, onde será um dos três vice-presidentes de uma megaconferência sobre a consolidação da democracia no continente, está mesmo disposto a sair de seus confortos e cair nos braços do povo. É candidatíssimo à Presidência da República, pelo PMDB.

Politicamente, ser ex-presidente e, ainda por cima, ser senador com uma reeleição garantida, por um estado de reduzida expressão e limitado eleitorado, é mamão com açúcar. Não dá muito trabalho, garante ampla circulação internacional e abre as páginas da imprensa para quem, desde os 23 anos de idade, manifestou vocação para o beletismo e os fardões engalanados, entrando para a Academia Maranhense de Letras.

Se, pessoalmente, está tudo no melhor dos mundos possíveis para o cidadão Sarney, por que motivos iria ele sair das suas comodidades, aos 67 anos de idade, para engajar-se em uma batalha incerta, por um partido dividido, com forte ala governista?

As personalidades dos políticos se dividem em três categorias: os polêmicos, arestosos, diante dos quais os sentimentos de ódio e adesão se dividem, como foram Carlos Lacerda e Getúlio Vargas e são hoje Leonel Brizola e Antônio Carlos Magalhães; os neutros, que não despertam grandes paixões ou adesões; os suaves, simpáticos permanentes, diante de cuja cordialidade se amainam, nos contatos pessoais, as oposições e antipatias. Fernando Henrique e José Sarney fazem parte deste grupo. Betinho era assim, também.

Já, considera que a sociedade civil não estava suficientemente organizada e que foi a sua atuação que abriu espaço para que se tornasse, com as ONGs e demais organizações do terceiro setor, um ator político indispensável. Pergunta:

— Fernando Henrique teve uma grande influência nesse processo de consolidação da democracia. Como é que, presidente da República, patrocina um retrocesso nas relações com o Congresso, passando o rolo compressor de uma maioria obtida com favores sobre as oposições e recusando-se a debater seriamente os pontos de vista contrários aos seus?

Acrescenta um diagnóstico:

— O presidente governa com um pequeno grupo de paulistas, amigos íntimos, que não têm a visão dos interesses específicos do resto do país. Parece que agora se apercebeu disso e está fazendo uma campanha prematura, falando em dentaduras e tirando fotos sentado no chão com crianças.

No caso da venda da Vale, que muito o chocou, Sarney considera ter sido um erro entregar uma empresa que tem uma posição estratégica no mercado mundial de minério de ferro e funcionava como uma grande agência indutora de desenvolvimento a um grupo de especuladores sem outros compromissos a não ser

A suavidade nada tem a ver com a capacidade de radicalizar posições e defender as próprias convicções. Poucos terão posicionamentos mais radicais no PT que Plínio de Arruda Sampaio que, no entanto, jamais perde a serenidade e nunca deu um grito com alguém.

Isto posto, fui conversar com José Sarney sobre a hipótese de uma candidatura e sobre as propostas que teria a apresentar ao eleitorado.

Tenho, felizmente, a imerecida fama de ser elitista e conhecedor de vinhos, o que desta vez me valeu uma homenagem possivelmente superior à capacidade seletiva de meu paladar. Os chilenos convidam os amigos a "conversar uma botella", preestabelecendo a duração da conversa ao tempo que se leva para beber uma garrafa de vinho. Sarney recebeu-me com uma garrafa de Chateau Margaux, 1989, um Bordeaux classificado, em 1855, entre os primeiros vinhos da mais nobre região vinícola da França. Conversamos até a última gota.

A venda da Vale do Rio Doce, a diminuição da soberania econômica e o que considera a ação de abastardamento da democracia por parte do Governo parecem ser as mais fortes motivações oposicionistas do ex-presidente.

A consolidação da democracia após o regime militar, conduzida por ele, é o orgulho maior de José Sarney. Diz que, ao assumir, havia apenas um verniz democrático, passível de ser rompido por alguma crise mais grave. Apesar do gigantesco movimento "Diretas

com ganhos financeiros. Coloca no mesmo saco de especuladores o empresário Benjamim Steinbruch e os fundos de pensão.

Finalmente, o modelo econômico de abertura do mercado interno às importações e de venda do patrimônio estatal a capitais o mais das vezes estrangeiros. Sarney afirma:

— Sempre que um país ou grupo de países vence uma guerra, impõe os seus interesses econômicos aos perdedores. Foi assim na Conferência de Versailles, depois da I Guerra Mundial, foi assim após a II Guerra Mundial, quando as grandes potências aliadas impuseram as suas condições à Alemanha e ao Japão. A III Guerra Mundial também acabou, com a derrota completa da União Soviética e o surgimento dos Estados Unidos como única potência global. É natural que eles imponham aos demais as políticas que mais os beneficiem. O que não é natural é que nós, que não perdemos guerra nenhuma, aceitemos essas políticas, cedendo a nossa soberania, sem nada receber em troca.

Definidas as bandeiras, os instrumentos. José Sarney se declara disposto a disputar a indicação presidencial na convenção do PMDB e acredita ser capaz de obtê-la. Mas deixa a porta entreaberta. Já ao nos despedir, disse-me:

— Itamar e Ciro Gomes me disseram que não apoiarão Fernando Henrique de jeito nenhum. Não é o meu caso. Se ele incluir na sua plataforma as teses do programa do PMDB, posso até apoiá-lo.

E-mail para esta coluna: alves@rudah.com.br

Quer mais informação?

(021) 217-3000

Assine O Globo.